

# DÊCIÊNCIA EM FOCO

VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS  
EM TEMPOS DE COVID-19

**DÊCIÊNCIA EM FOCO:** revista de Publicação Científica da UNINORTE e UNIRON – V.5  
N.1 (Jan/Jun 2021). – Rio Branco, Acre, Brasil.

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

### **Dirigentes Institucionais**

**Fábio Ricardo Leite**

Reitor

**Ailton Martins Melo**

Vice-Reitor

**Kátia Cristina Dotto Gasparini**

Pró-Reitora Administrativa e Financeira

**Vanessa Vogliotti Igami**

Pró-Reitora Acadêmica

**Indira Maria Kitamura**

Pró-Reitora de Relacionamento de Mercado

**Lucinéia Scramin Alves**

Secretária Geral

### **UNIDADE**

**UNIRON**

**Alexandre Porto**

Diretor de Unidade

**Campus Cidade Universitária**

BR 364, Km 02, Alameda Hungria, 200 - bairro: Jardim Europa II

CEP: 69.915-497 - Rio Branco - Acre

**Editora Geral:**

Eufrasia Santos Cadorin

**Editores de Seção:**

Douglas José Angel

Marck de Souza Torres

**Editor de Layout:**

Vander Magalhães Nicacio

**Editora de Sistema:**

Érica Cristine de Oliveira Carvalho Wertz

**Comunicação:**

Elisangela Pessoa Pereira

**Corpo Editorial:**

Adna Rocha de Araújo Maia

Adônidias Feitosa Rodrigues Junior

Adriano Iurconvite

Diego Marques Gonçalves

Daniel Vilallonga

Douglas José Angel

Fabiana David Carles

Francisco Raimundo Alves Neto

Gabriel Ap. Anizio Caldas

Gustavo de Souza Moretti

Jair Alves Maia

Julio Eduardo Gomes Pereira

Leonísia Moura Fernandes

Líli Raquel Fé da Silva

Marcela Mirea Araújo Barros

Marcuce Santos

Mediã Barbosa Figueiredo

Murilo Estrela Mendes

Olívio Botelho Andrade Neto

Rafael Marcos Costa Pimentel

Renata Freitas de O. Duarte

Robson Penellas Amaro

Ruth Silva Lima da Costa

Sabrina Cassol

Sóron Steiner

## EDITORIAL

### NOVA VIVÊNCIA, NOVO APRENDIZADO: A UNIVERSIDADE NO BANCO DA ESCOLA

Na perspectiva de cientistas de dados e analistas de tendências o Coronavírus foi um “acelerador de futuros”, antecipando mudanças que estavam previstas para ocorrer somente em duas ou três décadas. No mundo do trabalho, por exemplo, apesar de o teletrabalho se estabelecer em alguns setores, a jornada de trabalho inteiramente remota representava uma realidade distante. Na Educação, apesar do forte avanço da modalidade a distância, a realização de atividades de ensino mediadas por tecnologias digitais ainda se configurava insipiente nos cursos presenciais, limitando-se ao percentual máximo previsto em lei para os cursos de graduação. Assim, até 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial de Saúde declara estado de Pandemia por ocasião da Covid-19, a sociedade caminhava pautada em uma rotina muito bem conhecida, de normas e hábitos construídos, principalmente, a partir da segunda metade do século XX. Rotina que sofreu uma mudança drástica, ante a orientação para o isolamento social, com a interrupção das atividades econômicas e sociais.

Diante do novo contexto, a necessidade de adaptação a uma nova realidade, sem a clareza do tempo de vigência das medidas, adotadas como ‘excepcionais’. A insegurança em relação à duração do isolamento potencializou os impactos negativos sobre os setores da sociedade, afinal: como subsistir, garantindo a continuidade dos serviços, sem o funcionamento presencial? Nesse contexto, os recursos tecnológicos virtuais foram a salvaguarda para trilhar esse novo caminho, totalmente desconhecido. Muitas empresas implementaram o teletrabalho e até mesmo o tradicional setor público se viu obrigado a operar virtualmente, incluindo setores tradicionais do Estado como o Congresso e o Judiciário. Escolas e Universidades também precisaram adaptar suas rotinas escolares e acadêmicas, o que ocorreu de forma gradativa após um período de suspensão total de atividades de ensino, dada a inexistência de normativas que pudessem orientar o chamado “ensino remoto”, para o qual não havia amparo legal até então. Assim, normativas nacionais foram elaboradas e publicadas em tempo recorde, com vistas a garantir a flexibilidade que o momento de excepcionalidade exigia, em todos os níveis e modalidades de ensino. No caso das Universidades, o Conselho Nacional de Educação dispensou a obrigatoriedade do

cumprimento dos 100 dias letivos, além de possibilitar o funcionamento dos cursos presenciais de forma totalmente a distância, a partir das plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem.

Vale ressaltar que as mudanças implementadas ao longo de 2020 foram realizadas em meio a um ambiente de inseguranças e incertezas oriundas de uma crise econômica, decorrente da crise sanitária imposta pela pandemia. Em meio ao redemoinho que parecia destruir todos os padrões até então conhecidos, as relações humanas também sofreram alterações significativas em um curtíssimo espaço de tempo. O isolamento social trouxe a necessidade de adaptação à uma realidade de convívio, com o contato humano mediado totalmente por tecnologias digitais, que se tornaram as protagonistas do momento. A suspensão das atividades laborais e escolares, inverteu o tempo dedicado aos afazeres, alterando também a dinâmica de interação familiar e social. Com a pandemia, as famílias foram condicionadas à adaptação da rotina doméstica, com a inclusão de atividades de trabalho e estudo por meio virtual. Em um revés histórico na Educação, professores são ‘separados’ do ambiente costumeiro dos cursos presenciais e passam a interagir, exclusivamente, nos ambientes virtuais de aprendizagem e mídias sociais de longo alcance, como o *WhatsApp*. Assim, a sala de aula não somente ganhou uma nova configuração, como também um novo significado, reposicionando professores na gestão do tempo, conteúdo e interação com a turma.

Ante a pandemia, a Universidade foi obrigada a sentar-se no banco da escola para reaprender: nova vivência, novo aprendizado, e tudo isto em meio a um contexto totalmente desfavorável, de medos e incertezas. Questões aparentemente simples da rotina, como cômputo de frequência e hora aula, foram pautas de questionamentos sobre limites e possibilidades do trabalho docente e do controle da atividade discente. O que dizer então das metodologias de ensino e aprendizagem, tão bem conhecidas no trabalho presencial? A adaptação curricular exigiu não apenas disponibilidade das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) mas, especialmente, a capacitação de docentes para a substituição ou adaptação de instrumentos de avaliação já consolidados, como as tradicionais provas escritas; estas, aplicadas costumeiramente em processos de seleção e avaliação acadêmica, precisaram ser repensadas ou até mesmo substituídas por outras formas de avaliação da aprendizagem.

Assim, a Universidade não foi convidada a se reinventar, essa foi uma necessidade de sobrevivência, frente a uma tendência que apontava a prolongação do período pandêmico, o que acabou se concretizando. E, à medida em que os regulamentos foram sendo

publicados por parte dos órgãos normativos da educação nacional, as rotinas e os procedimentos didático-pedagógicos foram sendo ajustados, levando gestores, professores, estudantes, enfim, toda a comunidade acadêmica a rever seus conceitos e práticas, em prol da qualidade do ensino. Afinal, nunca se tratou apenas da disponibilidade de recursos tecnológicos, e sim, de como operacionalizá-los da melhor forma, garantindo a acessibilidade pedagógica e o melhor rendimento possível dos estudantes. Vale ressaltar, ainda, que o desafio nunca foi sobre implementar cursos à distância, pois esta modalidade tem regras específicas, que regem cursos originalmente criados para este fim; o desafio versou sobre a construção de estratégias que contemplassem a adaptação de cursos presenciais à forma virtual, durante um período indeterminado – que segue em andamento.

Até 2020, a humanidade sobrevoava o século XXI a uma velocidade ultrassônica. Mas, à sombra pandemia da Covid-19, foi forçada a parar. No Brasil, a interrupção das atividades educacionais ocorreu em março de 2020, e desde então, as Universidades passaram a vivenciar uma experiência peculiar, para a qual não havia preparo: as aulas virtuais. Ante a nova realidade, os desafios pedagógicos emergiram, potencializados pelos desafios socioeconômicos, especialmente nas regiões com infraestrutura tecnológica precária, como o caso do Acre. Em um contexto de mudanças tão significativas, zelar pela qualidade do ensino tornou-se ponto-chave nas discussões acadêmicas dos órgãos colegiados, como o Núcleo Docente Estruturante e o Colegiado de Curso. Afinal, a adaptação de cursos presenciais para uma forma remota – e temporária – exigiu alterações que vão desde a adaptação do Projeto Pedagógico do Curso até a realização de atividades finalísticas, como aulas práticas e estágios. Gestores, professores e estudantes precisaram adaptar-se, no âmbito de sua atuação e foram forçados a reaprender também: desconstrução de saberes, construção de novos saberes. A complexidade dessa adaptação envolveu - e ainda envolve - todos os segmentos atuantes na gestão do ensino nas instituições de ensino, em um esforço hercúleo para oportunizar aos estudantes a continuidade dos estudos, com menor impacto possível.

Decorrido pouco mais de um ano desde a suspensão das atividades presenciais, não há como mitigar os impactos sobre o ensino. Sem dúvida, o maior dos desafios desta geração não foi a utilização de plataformas tecnológicas, mas a articulação de saberes e a preparação de profissionais e estudantes para uma experiência totalmente peculiar, um verdadeiro exercício de resiliência, que evidenciou a capacidade que o ser humano tem de reconstruir-se positivamente ante uma grande adversidade. De tudo, muitas experiências inovadoras, bem-sucedidas, que certamente persistirão no mundo pós-pandemia, pois toda vivência gera um aprendizado e, todo aprendizado, uma transformação. Ante a retomada

gradual das atividades presenciais de ensino, muitas lições aprendidas durante a pandemia, abriram caminhos para um recomeço bem diferente. De fato, a Universidade, que se sentou no banco da escola em março de 2020, não se levantará a mesma após a conclusão do seu período de aprendizado. E reconhecer esse período não apenas como um processo de adaptação momentânea, mas como um período de reflexão e recondução de trajetórias é essencial para que a Universidade saia disto tudo muito mais forte e alinhada ao novo mundo – que também aprendeu a se reconstruir. Afinal, esta não foi a primeira e nem será a última vez que a humanidade precisará reinventar-se. Que possamos, então, registrar e reter as experiências vivenciadas e estabelecer novos paradigmas para a Educação Superior no Brasil.

**Carmem Paola Torres Alvarez**

Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia pela Universidade Federal do Acre (UFAC)

Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB)